Teatro de marionetas de Białystok.
Igor Gandra encenou «Espécies Raras»

Jerzy Doroszkiewicz #Zjerzony kulturą

22 de março de 2026

Stanisław Lem inspirou o encenador português Igor Gandra na criação do espetáculo «Espécies Raras». O Teatro de marionetas de Białystok transforma-se num laboratório do ABSURD repleto de surpresas.

Enquanto o debate sobre o financiamento da ciência se intensifica na Polónia há já vários anos, Igor Gandra vai até ao fim. No Teatro de Marionetas de Białystok, cria o laboratório da unidade ABSURD, ou seja, a Advanced Biologies Special Unit – Research and Development. E, inspirado pela imaginação de ficção científica de Stanisław Lem, sobrevivente do Holocausto, mergulha no mundo louco dos cientistas, das suas pesquisas e das suas experiências. E, como se sabe, a ciência tem direito ao erro, e estes não faltam no espaço do ABSURD.

Igor Gandra, conhecido pelas suas inovadoras criações tecnológicas implementadas na companhia portuguesa Teatro de Ferro, surpreende constantemente os espectadores com criaturas fantásticas capazes de ganhar vida nos momentos mais inesperados. Eduardo Mendes ajudou-o a construir os cenários e as marionetas, enquanto Júlio Alves se encarregou dos efeitos especiais extremamente divertidos. O observador atento do espetáculo tem a oportunidade de perceber aqui e ali alguns detalhes, mas o jogo com a animação também não falta – como, por exemplo, numa cena ousada com coelhos de laboratório.

E aí, nas entrelinhas, Igor Gandra levanta a questão do sentido das corridas de cavalos, da sua dimensão ética. Será que os coelhos conseguirão rebelar-se, verão a sua população aumentar? É preciso ver com os próprios olhos e talvez até entoar uma canção com estes animais que falam inglês. Os animais falantes ficam tão surpreendidos quanto os espectadores, que, no século XXI, estão habituados a ouvir falar inglês no teatro.

Os fãs de teorias da conspiração e de documentos tão secretos que é preciso queimá-los antes de os ler vão encontrar o que procuram na história de Alpha Dog, que, na sequência de um simples erro de pronúncia, se tornou algo completamente diferente. O ABSURD acolheu-o, pois, como acontece frequentemente na vida, os projetos militares começam tão facilmente quanto terminam de forma inesperada. Apresentado sob a forma de um dia de portas abertas, como o da Escola Politécnica de Białystok, este laboratório é uma viagem através de coleções de seres extraordinários, de vírus e até de criaturas invisíveis. Como não gostar do ABSURD, que é capaz de identificar e reter tais criaturas? E, finalmente, o ponto alto do espetáculo: um cogumelo que anseia pelo contacto com o homem. E que contacto!

Quais serão as consequências, quais poderão ser os custos destas investigações para o ser humano e para as criaturas de laboratório – eis questões que merecem reflexão – tão atuais no século XXI como na época em que os alemães se permitiam realizar experiências em seres humanos. O conjunto é acompanhado por uma excelente banda sonora eletrónica de Fernando Rodrigues, embora a «experiência» final que envolve o público estrague um pouco a impressão de um espetáculo realizado com brio e ousadia.

«Espécies raras» transpõe as fantasmagorias de Lem para o universo do teatro, transformando-as numa matéria-prima teatral excecional. Urszula Chrzanowska, Mateusz Smaczny e Maciej Zalewski desempenham na perfeição os seus papéis de cientistas e marionetistas, que dominam literalmente a arte da animação. Se o seu filho sabe ler legendas no cinema, leve-o sem falta a ver «Espécies Raras» – afinal, a biotecnologia e as ciências da engenharia que dela decorrem não param de se desenvolver, e a inspiração nunca é demais. Ah, quase me esquecia, hoje em dia as crianças vêem os filmes na versão original – por isso, corra para comprar bilhetes, vale a pena.

«Encontros com espécies raras» no Teatro de Marionetas de Białystok

Anna Dycha, dziennikteatralny.pl,
26 de março de 2026

O laboratório, um dos cenários preferidos da ficção científica, é o palco da mais recente peça do Teatro de Marionetas de Białystok, «Espécies raras», encenada por Igor Gandra. Trata-se do resultado de uma colaboração entre o Teatro de Ferro do Porto, em Portugal, e artistas polacos.

A obra de Stanisław Lem fascina Igor Gandra, encenador, argumentista e cenógrafo, já há vários anos. Até que ponto a humanidade é imprevisível? Até que ponto as suas ações são imprevisíveis? A obra de Lem foi, no entanto, apenas um ponto de partida para um projeto que evoluiu e cujo resultado final é apresentado no palco do Teatro de Marionetas de Białystok. Eis «Espécies raras» em todo o seu esplendor. Envolta numa nuvem de absurdo, ao som de música eletrónica, com uma pletora de marionetas à frente.

Bem-vindo ao laboratório

ABSURD – este é o nome do laboratório onde são realizadas diversas experiências, podemos esperar resultados irracionais ou encontros com espécies raras, mesmo quando estas são... invisíveis. Vamos descodificar este nome. Trata-se da Advanced Biologies Special Unit – Research and Development (Unidade Especial de Biotecnologias Avançadas – Investigação e Desenvolvimento).

Um lugar onde se encontram criaturas misteriosas verdadeiramente surpreendentes. Três cientistas servem-nos de guias neste mundo absurdo: a Dra. Urszula (Urszula Chrzanowska), o Dr. Maciej (Maciej Zalewski) e o Dr. Mateusz (Mateusz Smaczny).

O "Dia Aberto" é uma excelente oportunidade para descobrir... espécies raras. Tentáculos niilistas que se multiplicaram para formar uma pequena colónia. Coelhos brancos submetidos a experiências (utiliza produtos testados em animais?). Alpha Dog, o resultado de uma experiência militar. Half a dog, soa bastante semelhante. Criaturas invisíveis enjauladas. Um vírus linguístico vindo do espaço. E, por fim, o cogumelo falante Miscaro, que necessita urgentemente de contacto com os humanos (será o resultado de uma viagem dos criadores às florestas de Podlasie?).

Nas brumas do absurdo

O ponto forte do espetáculo reside na utilização da estética do absurdo, na qual os artistas se movimentam com grande desenvoltura. A música eletrónica (da autoria de Fernando Rodrigues) é igualmente impressionante, e o efeito absurdo é reforçado pelo vídeo. Humor negro, entretenimento e, acima de tudo, questões sobre os limites das experiências científicas: tudo isto se encontra nesta proposta original. Neste projeto internacional, a língua de trabalho é o inglês (o espetáculo inclui legendas em polaco).

«Espécies raras» é uma peça de ficção científica teatral pouco comum, com marionetas. Deixa a impressão de uma experiência bem-sucedida, enraizada na estética do absurdo, onde não é a história que prevalece, mas a exploração que conduz à reflexão.

Um cogumelo alucina e adora as pessoas. Espécies raras num determinado laboratório

Monika Żmijewska, 24@bialystokonline.pl
7 de abril de 2026

No meio de uma atmosfera de absurdo, num laboratório misterioso, três cientistas transmitem para todo o mundo uma experiência invulgar: uma conversa com um tal Miscaro. Este emociona-se facilmente, chegando mesmo a chorar de alegria e admiração: é assim que reage ao contacto com o ser humano. O próprio Miscaro não é humano. Quem é ele, então?

É neste momento que esta espécie rara, angelical e tagarela, diz o que pensa das pessoas.

Vale a pena ver o mais recente espetáculo do Teatro de Marionetas de Białystok. Mas não é só por causa dessa cena — na estreia da peça intitulada «Rzadkie gatunki» («Rare species»), há decididamente muito mais cenas intrigantes, divertidas, mas também que levam à reflexão.

O espetáculo é um projeto conjunto da BTL e do Teatro de Ferro do Porto: os atores de Białystok atuam na peça (em inglês, com tradução para o polaco exibida em ecrãs), enquanto a equipa de criadores portuguesa, liderada pelo encenador Igor Gandra, é responsável pela conceção e outros aspetos. Os artistas portugueses viajaram para Białystok com a cabeça cheia da filosofia de Stanisław Lem. Com o tempo, porém, a ideia para o espetáculo — inspirada na obra deste autor polaco de ficção científica de maior destaque — evoluiu e tornou-se um projeto independente e original de Gandra. A ideia central, que há anos intriga os futurologistas, permaneceu no espetáculo: seremos apenas nós a observar o universo, à procura de sinais de vida? Ou será que alguém nos está a observar? E seremos nós — para alguém de fora — uma espécie rara?

Na questão do estatuto de observador — quem observa quem, quem é o observado — também se pode ir mais longe: uma vez que vivemos numa era de algoritmos, da Internet, de bots omnipresentes e de inteligência artificial em constante aperfeiçoamento — em que se transforma a tecnologia? Somos/tornamo-nos um objeto para ela? E será que uma ferramenta pode tornar-se um ser autónomo?

O espetáculo não dá respostas claras — é uma metáfora multifacetada, na qual se refletem, como numa lente, as inquietações contemporâneas que atormentam a humanidade. Trata-se, no entanto, de uma metáfora habilmente construída, em que os instantâneos catastróficos estão astutamente ocultos, com a ironia e o humor a assumirem o primeiro plano. A convenção do absurdo suave envolve o espetáculo como um véu delicado e é fácil render-se a este ambiente relaxante. Mas não se deixem enganar!

O primeiro indício e pista interpretativa pode já estar presente no excelente cartaz do espetáculo: eis três personagens debruçadas sobre uma vitrina de vidro, observando algo no seu interior, enquanto elas próprias se encontram dentro de uma vitrina de vidro maior, e esta, por sua vez — tal como uma matrioska de vidro —, está envolta por outra... vitrina de vidro. Talvez seja mesmo assim: parece-nos que somos nós que analisamos, investigamos e conduzimos experiências, mas, na realidade, talvez sejamos apenas parte dela? Quem sabe.

Inquilinos indisciplinados

«Experiência» é a palavra-chave da peça — declinada em todos os casos, tratada ora com extrema seriedade, ora com humor. Por vezes, a fronteira entre a contenção científica e as emoções esbate-se e, na verdade, já não se sabe se o experimento ainda está a decorrer ou se já terminou há muito. Pois o que deve o público fazer com a ordem absurda que recebe dos investigadores que circulam pelo palco: «Agora vamos realizar um experimento que consiste em não fazer nada. Peço que façam o mesmo»? Rapidamente se verifica, porém, que a instrução faz sentido, a ausência de reação provoca uma reação espetacular, e quem concretamente e como reagirá — aqui remetemos para o espetáculo.

Não faltarão reações surpreendentes — afinal, estamos num laboratório. O tempo aqui corre a um ritmo diferente, e há aqui uma abundância de «espécies raras» que proporcionam emoções aos seus cuidadores. Ora escapam aos cientistas da vitrina, ora assustam-nos profundamente, ora agarram-se avidamente ao braço dos investigadores, e tudo isto acaba, mesmo que temporariamente, na criação de mais um cruzamento entre espécies. Às vezes, as espécies raras conseguem transformar-se em contadores de histórias, e outras vezes nem sequer se vêem, e então temos de acreditar na palavra dos cientistas.

O realizador Igor Gandra (também autor do guião e da cenografia) transforma o espaço teatral num laboratório científico — com vitrinas, ecrãs, provetas, câmaras e imagens projetadas nelas em tempo real (vídeo de Carlota Gandra). A frieza laboratorial é, no entanto, apenas uma aparência; a singularidade dos ocupantes faz com que o laboratório se torne, à sua maneira, um gabinete de curiosidades, um verdadeiro panóptico. Em algum lugar, aparecem as inscrições: Advanced Biologies Special Unit – Research and Development, e como o nome é longo, recebemos também a abreviatura: ABSU-RD. E, já agora, uma sugestão do que podemos esperar desta Unidade Especial de Biologias Avançadas – Investigação e Desenvolvimento.

O realizador Igor Gandra (também autor do guião e da cenografia) transforma o espaço teatral num laboratório científico — com vitrinas, ecrãs, provetas, câmaras e imagens projetadas nelas em tempo real (vídeo de Carlota Gandra). A frieza laboratorial é, no entanto, apenas uma aparência; a singularidade dos ocupantes faz com que o laboratório se torne, à sua maneira, um gabinete de curiosidades, um verdadeiro panóptico. Em algum lugar, aparecem as inscrições: Advanced Biologies Special Unit – Research and Development, e como o nome é longo, recebemos também a abreviatura: ABSU-RD. E, já agora, uma sugestão do que podemos esperar desta Unidade Especial de Biologias Avançadas – Investigação e Desenvolvimento.

Os atores que interpretam os cientistas tentam controlar e estimular esta companhia única — o que significa que, ao mesmo tempo, os observamos num duplo papel: o de investigadores e o de animadores das chamadas «espécies raras». São formas diversas inventadas e construídas por Eduardo Mendes: criaturas mais ou menos bem formadas, muitas vezes indisciplinadas e rebeldes, e por vezes comportando-se como os proverbiais «pegajosos». Existem também espécies tão raras e únicas que chegam a ser invisíveis.

Ilusão e surpresas

Observar como a equipa de investigadores se desenrola neste micromundo ascético, aparentemente desprovido de emoções, como acompanha, analisa e anima os seus participantes — é um dos maiores prazeres de assistir ao espetáculo. Há aqui muitas ideias de encenação que estimulam a imaginação, piscadelas de olho para a plateia, intervenções auto-irónicas, observações filosóficas, excelente música e efeitos sonoros na forma de ruídos intrigantes, rangidos e batidas, com os quais Fernando Rodrigues constrói com precisão o clima perverso do espetáculo.

Nesta mistura, que combina diferentes estilos, referências cinematográficas e musicais ou alusões à cultura pop, há também muito teatro de objetos, truques teatrais e efeitos especiais

(Julio Alves). Equilibram-se na fronteira da ilusão, proporcionam um efeito de surpresa e a alegria de vivenciar o teatro. Até mesmo os adultos (e o espetáculo destina-se a adultos e jovens mais velhos) deixar-se-ão enganar por mais do que um truque — por exemplo, aquele em que se procura uma espécie que não se vê, mas que deixa vestígios. Ou aquela em que os investigadores transmitem uma conversa exclusiva (em termos mediáticos e de investigação) e única com um «cogumelo falante que está a ter alucinações».

Uma viagem com o ser humano

Que cena é esta! Hilariante, relaxante, que muda a perspetiva. O que a espécie humana pensa (e diz) sobre e após o consumo de cogumelos é, na verdade, um tema amplamente conhecido, explorado no teatro e no cinema. E se invertêssemos a situação? E se ouvíssemos o que poderia dizer, após tal encontro, aquela espécie rara — o cogumelo, cujas perspetivas ninguém até agora teve em conta? O resultado? Uma cena humorística. O seu tom, porém, mudará rapidamente, se no lugar do representante falador da comunidade micológica colocarmos alguém completamente diferente, cuja perspetiva também não interessa a ninguém: alguém que no dia-a-dia é ignorado, menosprezado, marginalizado, seja alguém de uma minoria ou um estranho, que ainda não conhecemos, mas que já queremos julgar negativamente. Ouçamos, portanto, as perspetivas alheias, tiremos conclusões, aprendamos com os erros — parecem dizer os criadores do espetáculo.

E como posfácio, a modo de advertência, que ressoem as palavras do alucinado Miscaro, que, questionado sobre as primeiras impressões após o contacto com o ser humano, respondeu com surpreendente lucidez: «Oh, estou a experimentar os sentimentos mais alegres, excecionais. Mas as viagens com pessoas às vezes também podem ser muito más, e a humanidade pode conduzir a lugares de horrores inimagináveis». Teatro de Marionetas de Białystok: «Espécies raras», encenação de Igor Gandra; estreia — 21 de março de 2026